

FOME DE VIVER E APRENDER NA ESCOLA DO HOSPITAL: UM ESTUDO DE CASO DA ESCOLA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES INTERNADOS NO HOSPITAL DA CRIANÇA DAS OBRAS SÓCIAIS IRMÃ DULCE NA CIDADE DE SALVADOR / BA¹

Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula²

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é referente à pesquisa de Doutorado que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia PPGE/FACED/UFBA. Esta pesquisa é um estudo de caso e tem como objetivo estudar a *práxis* pedagógica de professoras hospitalares que educam crianças e adolescentes hospitalizados na escola do Hospital da Criança das Obras Sociais Irmã Dulce (OSID) na cidade de Salvador/BA. A pesquisa também objetiva estudar a política de sentido expressa nos currículos organizados por essas professoras e analisar o impacto desse currículo para os alunos hospitalizados que freqüentam as aulas no hospital.

Esta escola nasceu de uma solicitação da equipe médica do Hospital da Criança da OSID, a qual sentia a necessidade de um atendimento educativo para seus pacientes. O contrato de parceria foi assinado entre o Hospital e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura da cidade de Salvador, através do Projeto “Vida e Saúde”. Desde outubro de 2001, duas professoras efetivas da prefeitura, da Coordenação Regional de Educação (C.R.E.) Cidade Baixa, estão trabalhando com as crianças e adolescentes que pertencem a dois grupos: o grupo de educação infantil, que atende crianças de 4 a 6 anos de idade, e o grupo do ensino fundamental e médio, com crianças e adolescentes de 7 a 17 anos de idade.

Nesse trabalho, tem sido possível evidenciar que a maioria das crianças internadas são pertencentes às camadas menos privilegiadas da população, e em relação às questões educacionais, o perfil de escolaridade desses alunos é bem diverso: alguns têm dificuldades de freqüentar as escolas regulares em função de internações freqüentes; alguns deixaram de freqüentar a escola devido a estas internações; outros estão defasados na sua escolarização e outros, apesar de sofrerem internações, não têm seus processos de escolarização alterados e mostram-se alunos bastante preocupados com a continuidade de seus processos de escolarização.

Na escola do hospital há uma infinidade de situações, patologias e condições de vida que geram processos de escolarização bem diversificados. Essa diversidade é significativa na construção do currículo, a qual enriquece o contato entre os alunos. Essas diferenças não estão dissociadas da identidade que esses alunos apresentam, que é a capacidade de resiliência e adaptação ao contexto.

De acordo com Junior (2001), **resiliência** é o modo como os indivíduos se adaptam às diferentes situações. Essa característica pode variar de pessoa para pessoa, de circunstância para circunstância, assim como por períodos. Ou seja, às vezes, uma pessoa pode estar bem adaptada em uma esfera social e encontrar dificuldades na área acadêmica, como em outros momentos, esta mesma pessoa pode ser mais vulnerável a esta área e apresentar uma dificuldade maior com a área social. No contexto hospitalar, essas adaptações e a capacidade de conviver com as adversidades, estão sempre presentes, tanto para as crianças, como para com os adultos que com elas trabalham. É muito difícil encontrar, no hospital, crianças e adolescentes que não enfrentem o processo de adoecimento com maestria. Esses pacientes mirins buscam recuperar-se de forma rápida para poderem voltar às atividades que realizavam anteriormente à internação. Existem algumas exceções, nos casos mais graves, quando os pacientes ficam muito debilitados e não têm força física para resistir à patologia e às condições que a doença lhes impõe. Nesses casos, os processos de

¹ Pesquisa desenvolvida sob a orientação do Professor Dr. Roberto Sidnei Macedo.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia – UFBA ; Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG/PR.

resistência e enfrentamento são mais delicados, mas, de forma geral, crianças e adolescentes hospitalizados têm um “gosto” especial pela vida e muita vontade de aprender.

Apesar de todas as adversidades que enfrentam no hospital e fora dele, devido a múltiplos aspectos como: doenças, procedimentos dolorosos, medicações constantes, afastamento de seus familiares, da vida social, de suas escolas de origem, dentre várias outras questões, as crianças e adolescentes hospitalizados lutam muito por suas vidas, enfrentam suas dificuldades e mostram grande interesse pela escola. Por isso o tema deste trabalho: “fome de viver e aprender”, pois a vida, para esses alunos, é um ideal perseguido a cada dia e, nesta pesquisa, a presença desses alunos na escola do hospital tem demonstrado que a aprendizagem também faz parte de seus projetos de vida.

2. METODOLOGIA

Esta tese fundamenta-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da etnopesquisa crítica defendida por Macedo (2000). A Etnopesquisa tem suas origens na Etnografia, e existem vários aspectos que a definem. Dentre eles encontram-se a necessidade de um contato prolongado do pesquisador com o ambiente da sua pesquisa, a utilização de vários instrumentos para poder captar a realidade por intermédio de vários elementos, bem como a descrição densa dos fenômenos observados.

De acordo com Macedo (2000), a Etnopesquisa está voltada para a investigação dos atores pesquisados, quando o pesquisador tem uma ampla implicação no processo de pesquisa – procurando entender o universo cultural e simbólico que envolve o seu objeto de estudo, construindo-se com ele no seu processo de investigação.

A descrição da realidade com rigor científico e vigilância epistemológica é uma constante para o pesquisador desta área, que não deve perder de vista a aproximação e o distanciamento de seu objeto de estudo para compreendê-lo de forma crítica, buscando sempre analisar as contradições, as tensões da pesquisa e, até mesmo, as implicações do pesquisador nesse processo.

A pesquisa de campo desta tese de Doutorado foi iniciada em agosto de 2002, e a coleta de dados findará em agosto de 2003, quando se concretizará um ano de investigação. O contato direto e prolongado do pesquisador com o grupo selecionado tem sido um dos aspectos essenciais deste trabalho. As observações foram pautadas na utilização de diferentes instrumentos como material obtido por meio de levantamentos; registros documentais; fotografias; produções escritas e artísticas do grupo pesquisado; observações registradas em diário de campo; sessões de vídeo gravadas das aulas das professoras; entrevistas semi-estruturadas às professoras e depoimentos de alunos e pais de alunos.

No período de agosto a dezembro de 2002, foram registradas 31 sessões de aulas das duas professoras em diário de campo. Nesse período, a câmera de vídeo ainda não era utilizada, pois o objetivo era uma familiaridade da pesquisadora com o contexto. Desde o início da pesquisa, os dias de observação são realizados em dias alternados da semana. Esses dias foram assim programados de forma intencional, com o objetivo das professoras apresentarem seus trabalhos da forma mais natural possível. O período das aulas tem uma duração aproximada de 3 horas, variando conforme os grupos e o estado físico das crianças. Há de se destacar que as aulas no hospital são realizadas em função dos pacientes, sendo que muitos fatores interferem para a sua execução como: horário de medicamentos, resistência física das crianças, entre outros aspectos que são considerados.

No ano de 2003, as observações foram reiniciadas em fevereiro; nesse período, as aulas começaram a ser gravadas em vídeo em uma câmera de Vídeo Gravador Portátil – Panasonic – Modelo PV 501 MD. Aliado ao registro em vídeo, as aulas também são registradas em diário de campo, que contém as reflexões teóricas dos fenômenos observados. Até o presente momento foram registradas 24 gravações em vídeo das professoras. A pesquisa está em andamento, em fase final da coleta de dados. Alguns dados já estão sendo analisados, mas não representam as conclusões finais deste trabalho – são conclusões parciais, constatadas até o presente momento.

3. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS DA PESQUISA: FOME DE VIVER E APRENDER NA ESCOLA DO HOSPITAL

O fato de os alunos serem provenientes das mais diversas cidades do interior e da capital, de várias escolas e culturas diversas, assim como as mediações das professoras, trazem uma riqueza multicultural na sala de aula que torna o cotidiano das aulas bem atrativo. Nesse sentido, os alunos hospitalizados ficam “sedentos” de aprender, fato esse que se nota quando as professoras chegam nas enfermarias e são logo recebidas com muito carinho pelos alunos, assim como muitos as aguardam na sala de aula, mesmo antes delas chegarem. Logo que chegam, os alunos solicitam às professoras insistentemente os materiais para estudar, bem como querem saber sobre como será a aula do dia. A escola, nesse ambiente, representa um espaço de socialização agradável, um espaço onde as crianças trocam experiências, compartilham dores e alegrias, bem como novos conhecimentos. Esses alunos solicitam a todo momento os chamados “deveres” para os professores, pois o fato de frequentarem a escola no hospital, os faz sentirem-se como as outras crianças que estão fora deste ambiente: crianças com o direito à saúde e a educação garantidos.

Dificuldades também existem na implantação de um projeto pedagógico no hospital, todavia, as potencialidades geradas nos encontros entre os professores e esses alunos parecem, muitas vezes, se sobrepor aos problemas.

A justificativa desse tipo de estudo deve-se ao fato da pesquisadora desta tese já ter trabalhado como professora hospitalar em um Hospital Público na cidade de São Luís do Maranhão/MA e ter trabalhado com pesquisa e extensão nesta área de educação nos hospitais da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG/PR. Nessa trajetória, tem sido possível observar a necessidade do atendimento lúdico, educacional e sociocultural aos pacientes enquanto permanecem internados. Porém, embora exista um discurso disseminado na mídia e em vários setores da sociedade com uma preocupação cada vez maior com a qualidade de vida dos pacientes nos hospitais – o que tem originado a promoção de diversas ações para melhoria da saúde –, essas ações estão ainda muito voltadas para um segmento muito restrito da população, que tem seus direitos garantidos em função de condição econômica privilegiada. Todavia, mesmo diante de um quadro de antagonismos e de dificuldades, algumas pessoas, instituições e áreas do conhecimento têm buscado estabelecer relações saudáveis para todos os homens, independente de classe e condição econômica e social. Essas ações, por sua vez, são muito bem recebidas pelas pessoas de classes populares, que são beneficiadas por esses programas e que normalmente são excluídas de atendimentos de qualidade no que se refere à saúde e educação. Nesse sentido, quando essas pessoas se sentem respeitadas e tratadas com direitos e de forma digna, manifesta-se rapidamente a “sede”, o desejo e a vontade que têm de viver e aprender.

No que se refere às crianças e adolescentes hospitalizados, alguns hospitais têm incluído em suas ações programas recreativos e educacionais para atender de forma integral a seus pacientes, mas ainda é uma realidade distante para muitos pacientes mirins que ficam internados. Embora o direito da criança hospitalizada à educação estar previsto na Lei dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes Hospitalizados, pela Resolução n.41, de 13 de outubro de 1995, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, formulada pela Sociedade Brasileira de Pediatria e pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, essa lei ainda não é cumprida na maior parte dos hospitais brasileiros. De acordo com Ceccim e Carvalho (1997), essa lei foi chancelada pelo Ministério da Justiça e contém vinte itens em defesa da criança e jovens hospitalizados. Dentre os artigos apresentados, encontra-se: “Artigo 9. Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programa de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”. (CECCIM e CARVALHO, 1997, p. 188).

Quanto à escolarização de crianças que frequentam Classe Hospitalar, o pesquisador Ceccim, em um de seus estudos realizados em 1998 sobre a contribuição do atendimento pedagógico-educacional à atenção pediátrica hospitalar, constatou que: “[...] 12% dos alunos da

classe hospitalar estavam afastados da escola regular com a internação, e que 28% tinham atrasos de um a três anos em sua escolaridade.” (CECCIM, 1999,p.32).

Esse fato é observado na escola do hospital investigado, porém não se pode deixar de considerar que, muito embora nas classes hospitalares esses índices sejam constatados, é preciso afirmar o caráter de positivo que esses atendimentos apresentam para as crianças dado que, nesses espaços, por apresentarem um número menor de alunos se comparados às escolas regulares, e com uma atenção mais individualizada das professoras, os alunos têm a oportunidade de rever as suas condições de escolarização e re-significá-las. A maneira como o currículo é construído e organizado pelas professoras é um elemento significativo para que esse processo de re-significação ocorra.

De acordo com Macedo (2000), a gestão do currículo não deve apenas estar voltada para uma questão organizacional. Para ele é preciso “[...] uma noção de gestão onde atores e atrizes educativos possam constituir-se enquanto autonomia, autorizando-se como sujeitos do currículo, nunca como” objetos “do currículo”. (MACEDO, 2000, p. 30). Nesse sentido, é de extrema relevância estudar os meios que as professoras estão construindo nos currículos propostos, e as escutas que fazem dos alunos hospitalizados sobre a escola no hospital.

Ceccim (2000) defende a idéia da importância de uma hospitalização saudável e considera que a importância da escuta pedagógica, nesse período, caracterizada como um meio de: “[...]. Afirmar positivamente a experiência da doença ou hospitalização e não marcá-las como ruptura com os laços interativos da aprendizagem de si, do mundo, das relações é o objeto da escuta pedagógica”. (CECCIM, 2000, p. 18).

Essa “escuta sensível” e “escuta pedagógica” têm sido recursos utilizados para a compreensão das políticas de sentido expressas nas interações entre professoras e alunos no ambiente hospitalar estudado.

Nas conclusões parciais deste trabalho, estão sendo classificados alguns episódios, os quais, por meio da análise de conteúdo dos diálogos e narrativas utilizadas pelas professoras e alunos, refletem o modo diferenciado como o currículo é organizado, o impacto que tem sobre os alunos e as representações tanto das crianças, adolescentes e seus pais sobre diferentes significados que essa escola possui no ambiente hospitalar. É possível constatar que a saúde e a educação funcionam como “alimentos” básicos para formação desses seres que durante muito tempo foram silenciados quanto a seus direitos.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida graças ao financiamento do Programa PICDT/CAPES da Universidade Estadual de Ponta Grossa, do Paraná, tendo como perspectiva a compreensão do que os professores hospitalares e alunos vêm construindo na escola no hospital, buscando democratizar cada vez mais esse tipo de atendimento.

4. REFERÊNCIAS

CECCIM, R. B.; CARVALHO, P. R. A.; Comentando os direitos da criança e do adolescente hospitalizado. In: CECCIM, R. B; CARVALHO, P. R. A. **Criança Hospitalizada: Atenção Integral como escuta à vida**. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1997, p.185-191.

_____. Classe hospitalar: buscando padrões referenciais de atendimento pedagógico – educacional à criança e ao adolescente hospitalizado. In: Integração. MEC/SEE, ano 9, 21, 1999, p. 31-38,

_____. A escuta pedagógica no ambiente hospitalar. In: FONSECA, E. S. **Atendimento escolar hospitalar: A criança doente também estuda e aprende**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2000, p.15-18.

JÚNIOR, A. A. P. O trabalho com crianças vítimas de violência sexual doméstica: promovendo a resiliência. Temas sobre Desenvolvimento. São Paulo: Memnon, V. 10, 55, março-abril, 2001, p.40-46.

MACEDO, R.S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: UFBA, 2000.

_____. A raiz e a flor. A gestão dos saberes para o desenvolvimento humano: inflexões multirreferenciais em currículo. Noésis. Revista do Núcleo de Currículo, Comunicação e Cultura, Salvador: NEPEC/PPGE/FACED, v.1, 1, 2000, p. 29-47.